

Teatro
De 11 a 14 Março 2010

Shoot the Freak

Um espectáculo Cão Solteiro
& André e. Teodósio

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Espectáculo construído por Alda Salavisa, Ana Santos, André e. Teodósio, André Godinho, António Gouveia, Cristina Piedade, Duarte Barrilaro Ruas, Filipe Pereira, Goreti Mourão, Ivo Fartura, Joana Dillão, Jorge Rodrigues, Maria Adelaide Horta, Mariana Sá Nogueira, Natália Ferreira, Noëlle Georg, Nuno Tomaz, Olivier Blac, Palmira Abraches, Paula Sá Nogueira, Paulo Lages, Paulo Reis, Raimundo Cosme, Ricardo Pereira, Ricardo Santanna, Sílvia das Fadas, Sónia Baptista, Mestra Teresa Louro, Vasco Araújo **Agradecimentos** Kevin Blechdom, João dos Santos Martins, Christopher Fleeger, Eduardo Ramos, Carlos e Rosaline Queirós, Jochen Pasternacki, Gabi - Frutas e Legumes, Paula Garcia, Mulher Bala **Apoios** Dyrup, Hair Trap, Metalúrgica de Galamares, Eurodois, Virval

Juntamente com este programa são distribuídos diariamente 100 exemplares do *Caderno de Imagens 1*

De Qui 11 a Dom 14 de Março
21h30 (Qui 11, Sex 12, Sáb 13) · 17h00 (Dom 14)
Grande Auditório · Duração: 1h45 · M12

Persons attempting to find a motive in this narrative will be prosecuted; persons attempting to find a moral in it will be banished; persons attempting to find a plot in it will be shot.

Mark Twain,
Adventures of Huckleberry Finn

No conto do Flautista de Hamelin uma criança defeituosa sobrevive ao rapto. Atraídos pela encantadora voz dessa “criança-sereia-de-Faiake”, vamos perpetuando a sua versão da história como se sofrêssemos de síndrome de Estocolmo. Tudo isto confirma-nos novamente que: história é a coisa mais anti-histórica da História!

*Shoot the Freak** é uma narrativa surda.
Shoot the Freak é um musical mudo.
Shoot the Freak é um bailado coxo.
Shoot the Freak é um *tableau vivant* maneta.

* Atracção em Coney Island onde o protagonista, um FPS (First Person Shooter) puro, enfrenta os maus de costas voltadas para o público. (Um bocado ao contrário da vida, não é? onde normalmente vemos de frente os amigos e queremos os inimigos pelas costas).

Quatro perguntas

A *Coney Island of the Mind* é o título de uma colecção de poemas de Lawrence Ferlinghetti; e “Shoot the Freak” é uma das atracções do parque de diversões de Coney Island. Este espectáculo também é “coisa mental” – e se sim, existe em que cabeças? – ou arriscamos-nos mesmo a levar um tiro?

Convém clarificar que os papéis de atirador e alvo, em *Shoot the Freak*, são desempenhados por nós próprios. Não queremos com isto dizer que o espectáculo seja fruto quer de uma necessidade psicoterapêutica, quer de uma vontade exacerbada de propagar uma qualquer moral. Não. Como no poema de Ferlinghetti: “We are the same people / only further from home”. Assim como nos jogos First Person Shooter (que se materializam no “Shoot the Freak” de Coney Island) sentimos o dever de nos dar um tiro cara-a-cara e já não no pé. Reflectir sobre a cabeça, as suas múltiplas construções (sejam elas imagens “puras” ou “simulacros”), correndo o risco de nos tornarmos abstractos. A didascália inicial do texto é clara: “André vai ter com Paula. Sentam-se e observam. SHOOT THE FREAK.” É justamente isto. A nossa co-criação é um sintoma da reflexão sobre o que nos levou a estar ali naquele momento e naquela condição de parvos “demasiado contemporâneos para os clássicos e demasiado clássicos para os contemporâneos”; não uma reflexão universalista (função tão bem desempenhada pelos imensas Ciências Humanas) mas particular (potência tão aniquilada por necessidades individuais de integração e invisibilidade, sejam elas

dedicadas à essência, ao fundamento, ou retorno ao natural). (Re)trata-se aqui mesmo de nós (apesar de a estratégia de construção do espectáculo aparentar o contrário).

Se eu (André) anteriormente me dedicava a vários tipos de reformulação da construção simbólica (destruição em *Super-Gorila*, extremização em *Super-Nova*, colonização em *Cenofobia*), para iniciar este novo espectáculo decidi entregar-me à proposta do Cão Solteiro de alienação deliberada, de colocar a casa ainda mais longe. Sendo que nessa casa a porta é a boca, as janelas os olhos, o cabelo o tecto e os seus inquilinos esse povo em extinção a que chamámos “cultura crítica”.

Parafraseando um outro poeta, Fernando Guerreiro, digamos que em relação a *Shoot the Freak* “o seu domínio é o do pensamento mas tomado no ponto em que a crise de ideias se torna, em nós, a forma mais cabal da presença do espírito.” Não tomamos isto de ânimo leve, uma vez que é aí justamente nessa ruptura com o *telos* “que o pensamento começa”. E como gostaríamos de descansar...

O que vos interessou na história do Flautista de Hamelin? E que outros textos / filmes / objectos / música foram importantes para este trabalho?

O flautista de Hamelin, na sua condição de história, está mais em nós do que queremos. Podemos mesmo afirmar que o conto sempre se interessou mais por nós do que nós por ele. Assim, perpetuamos o papel de devotos da sua melodia sinuosa. Nunca fomos grandes flautistas. Sempre nos encaixámos mais

no papel do deficiente que fica para trás. Foi justamente este facto que mais nos interessou nessa narrativa tão estafada por tantos autores, i.e. o facto de que na História existe sempre um deficiente que fica para trás involuntariamente para a contar. Se muitos são os deficientes que têm vontade de a construir, também existem outros que são reféns de utilização indevida levada a cabo por pessoas saudáveis totalmente rendidas à ubiquidade do *pharmakon* [remédio/veneno]. Quisemos conhecer esses deficientes e acabámos por nos permitir ter essa atitude saudável (que achamos curiosa por emergir de uma situação conciliatória) de tomar o remédio envenenado da sabedoria. A lista de autores e *media* consultados é muito extensa (alguns são nomeados, outros citados): desde a vida na Rua Poço dos Negros à filosofia ciborguiana da Donna Haraway, passando pela pesquisa óbvia das inúmeras versões do conto (banda desenhada, literatura, artes plásticas, cinema, música, etc.: *you name it, they got it!*). Mas o mais importante em todo o processo foi mesmo o tal piscar de olhos que o conto nos fez, ou que nos fez fazer. O Flautista de Hamelin não é uma metáfora, foi isso que descobrimos. É mesmo uma realidade. A nossa.

Quais foram as principais decisões tomadas nos campos da escrita, da encenação, do espaço e da interpretação? O facto de se tratar de um espectáculo para a Culturgest (e para o Grande Auditório) pesou nessas decisões?

A conquista de uma abstractização do evento *Shoot the Freak* foi artilhada

como as construções melódicas dos Flautistas. Fomos reunindo todos os suportes que nos espartilham o imaginário e atirámos-los para a construção do espectáculo.

Se por um lado o abstracto é mais evidente numa linguagem inventada, por outro ele é menos evidente na deslocação voluntária da eficácia da representação.

Se por um lado o abstracto é mais evidente numa tela não-realista, por outro ele é menos evidente na sucessão de músicas da moda já-fora-de-moda mas ainda não tão fora-de-moda que chegue para irritar.

Se por um lado o abstracto se torna mais evidente num texto cheio de *twists*, por outro ele é menos evidente ao relegar ao espectador a possibilidade de ser um atirador furtivo (e nós avisamos desde logo, neste teatro não há detectores de metais... portanto, *if you wanna kill us, we'll be here!*). No entanto é nesta conjugação de informações, suportes e linguagens que propomos uma deslocação do eficaz rumo ao incalculável sublime do monstruoso real que nos regula. É como se nos atirássemos para um tratado semiótico onde está tudo bem explicadinho mas, não sabendo porquê, tudo se torna ineficaz... esquisito mesmo. Uma conjugação variada que se transforma na contingência reguladora da possibilidade *Shoot the Freak*: as nossas vontades, as nossas capacidades (intelectuais e reais) e o espaço disponibilizado (que é ele próprio contingente). *Shoot the Freak* é o resultado destas coisas e a resposta possível a estas coisas.

É nesta medida que o nosso espectáculo se demarca dos típicos produtos

teatrais lambidos da nossa era (o texto desequilibrado não é defendido por um nome canónico, o espaço indefinido em termos de estilo, a interpretação incoerente, e por aí fora). *Shoot the Freak* é mais um espectáculo ineficaz. Somos nós sentados no nosso jazigo a sacrificar o nosso futuro esperando um maior deslocamento dos pólos.

É há um nome para isso: Arte.

O que é que tentaram fazer aqui que não tinham feito antes? Ou o que é que tinham feito antes e quiseram repetir?

Julgamos que esta talvez seja a melhor resposta que nós, condenados a este estado de alucinação, poderemos alguma vez dar:

“Uma vez que estamos sós no mundo, ou pelo menos não tão sós como gostaríamos de estar, temos o dever de dominar as nossas explosões, de fazer com que as explosões inevitáveis da nossa maldade ou da nossa bondade paradoxais vão aproximativamente no

sentido do fim aproximativo. Quanto ao fim, talvez não seja lá muito importante determiná-lo com a precisão sádica que encontramos no sistema do mundo e no destino quando ambos se associam para determinar a posição do homem no espaço e no tempo.

Devemos evidentemente bater-nos contra os dois, e como o mais importante é manter a direcção justa do fim talvez errado, é-nos necessário aguçar a nossa lucidez a fim de a tornarmos cortante como uma lâmina, acerada como uma seta, percuciente como uma punção. É graças a essa lucidez que funciona a nossa consciência, que não passa afinal de uma transcrição idílica do nosso medo, porque o medo lembra-nos infatigavelmente a direcção justa, e se sufocarmos o nosso medo, perderemos a possibilidade de nos orientarmos numa direcção determinada e daremos aqui e ali lugar a uma série de estúpidas explosões privadas, causando os piores estragos para um mínimo de resultados.” Stig Dagerman, *Ilha dos Condenados*



© André Godinho

Sempre que encontro um artolas, saco logo das pistolas

Um dia saí de um filme quando este ainda estava a acabar. Nem vi o género. *What's in a name?* Encontrei um livro no chão. Um diário. Devia pertencer à coxa que ia colocando cadeados em todas as portas do cinema. Eu, que tinha banido livros das minhas estantes, nem pensei duas vezes: guardei-o debaixo do braço e dirigi-me à Poço dos Negros. Pelo caminho, encontrei a minha professora de flauta e não a cumprimentei. Encontrei amigos e não os cumprimentei. Encontrei os meus pais e irmão e não os cumprimentei. Encontrei animais sem dono e não os levei comigo. Galguei as colinas sem olhar para trás. Quando por fim cheguei ao espaço do Cão Solteiro encontro a Paula Sá Nogueira a olhar para trás de si. Estupefacto, assumi aquele gesto como um estilo novo de saudação (o Cão Solteiro é prodígio nas cisões *nomenkultóricas*). Para não ser rude, decidi entregar-me à abstracção e fazer o mesmo, i.e. olhar para trás; e o que se seguiu foi um momento digno de qualquer uma das *sitcom* dos anos 90.

Ao rodar a cabeça, apercebi-me de que todas as pessoas por quem tinha passado tinham decidido seguir-me. E como se não bastasse, empunhavam uma pistola que era apontada simultaneamente a várias partes do meu organismo.

Como diria a coxa, de facto cultura é tudo o que resta quando tudo foi esquecido.

(Excertos do diário)

6 horas depois do seu desaparecimento
Será que as estátuas de cera têm cera nos ouvidos?

6 horas e 22 minutos depois do seu desaparecimento

É desejo de todo o coração que sejam apenas uma rapariga normal. Coxa. E aí de mim, se alguma vez a tua irmã te seguir nessas pisadas arritmicas.

8 horas e 32 minutos depois do seu desaparecimento

As línguas são todas esquisitas. São músculos da inconsciência. O fazer é todo esquisito. É a técnica do músculo.

10 horas e 24 minutos depois do seu desaparecimento

Tutti flutti...

2 dias, 4 horas e 26 segundos depois do seu desaparecimento

Temos de deixar de acreditar que eles saem para ir à casa de banho.

Uma semana depois do seu desaparecimento

Eles dão um passo à frente, depois dão um passo atrás e quando derem por si estão a dançar a macarena.

Três semanas e 23 horas depois do seu desaparecimento

Os mais fortes ficam sempre para trás. Dedicam-se à técnica. *Welcome to society*, onde a melodia da língua nunca acaba, onde és um bom menino se te deixares ser afogado no mar dos descobrimentos. *Welcome to society* é o lugar

onde te dão um doce em troca de um beijo salgado.

Um ano depois do seu desaparecimento

– Mas porque é que toda a gente me odeia?

– Não seja ridícula. Ainda nem toda a gente a conhece.

Um ano, três meses, 18 horas e 47 segundos depois do seu desaparecimento

Nietzsche fazia do cristianismo uma religião de escravos, e eu faço de vocês uma legião de parvos.

Dois anos depois do seu desaparecimento

O momento do humano dá-se quando as experiências são mitificadas, quando o *logos* as nomeia. E um dia vão erguer uma estátua em minha honra.

Três anos, 5 horas e 24 minutos depois do seu desaparecimento

Sou uma pessoa mais interessante antes de me conhecerem.

Oito anos e 16 segundos depois do seu desaparecimento

Fiat Ars, pereat mundus.

Oito anos e 28 segundos depois do seu desaparecimento

Sinto uma placa de dentes pendurada ao pescoço.

Vinte anos e 68 minutos depois do seu desaparecimento

Tudo isto começou como uma tragédia mas rapidamente se transformou numa farsa.

Trinta anos depois do seu desaparecimento

Cultura é tudo o que resta quando tudo foi esquecido.

Quarenta e nove anos que parecem mil depois do seu desaparecimento

Não estou a fumar, só estou a cremar papel.

Oitenta anos precisos depois do seu desaparecimento

Haile Selassie + Barão Haussmann + Palácio do Parlamento = Shoot the Freak

Hoje, passado tanto tempo após o seu desaparecimento

Todas as noites, quando me deito, relaxo o corpo. Sinto os ossos contra o colchão, respiro cada vez mais lentamente e penso: corpo, deixa de funcionar. Respiro lentamente até os intervalos serem maiores entre a inspiração e a expiração. Vou ser honesta. Sou assaltada pela ideia e o desejo de morte sem ter de ser eu a cometê-la. Sinto que não tenho o direito de dar aos meus pais mais nenhuma tristeza. Talvez só me deva matar quando eles morrerem. E então peço e relego ao meu organismo que o faça por mim. Que morra calma e lentamente. Todas as noites. E todas as noites este acto torna-se um acto falhado. Nunca poderá haver sangue sem sangue.

André e. Teodósio

11 de Março de 2090 às 18h37m5s

Conversa em movimento registada por um pomputador-sonda disfarçado de cinzeiro, tida ao longo de um edifício sito na rua do Arco do Cego.

M1 – Ai mana! Foi aqui!

M2 – Hã?

M1 – Vá! Encaixe lá a cornucópia no tímpano que é proibido gritar.

M2 – O que é?!

M1 – Foi aqui!

M2 – O quê?

M1 – Que eu morri! Lembro-me perfeitamente das flores...

M2 – A menina está a alucinar! Não lhe disse para parar de fumar aos 100?

Onde? Talvez... É parecido com o padrão das saias que a mãe usava.

M1 – Ia jurar que...

M2 – Vá! Ande lá! Vire a cabeça pra frente! Estamos nos anos 90, não sabe que a história é repetitiva?

M1 – Mas...

M2 – Chiu! Está ali um sonda a olhar pra nós.

M1 – a que horas é que fecha a...

M2 – Fale em código!

M1 – Razepart!

As múmias voltaram à esquerda do edifício em direcção à loja de explosivos. Patrulha de vigilância. Sonda 476. Unidade de Combate à Libertinagem Utópica.

Paula Sá Nogueira



© André Godinho

Diálogo entre Bárbara Felicidade and her daughter, named Futura, como a caneta

12 de Março de 2090 às 00h37m5s
Anglaterra

(Criança velha acorda com súbito ataque de tosse.)

– É do tabaco. Tens 8 anos, não devias fumar tanto.

– The rules I break got me a place.

Trouxeste os vestidos?

– Quais vestidos?

– As mortalhas das meninas.

– Sim. São lindos. Não me servem.

Dorme.

– Is anything wrong?

– Oh love, is anything right?

– Quando vejo vestidos com múltiplas pregas, folhos e enfeites que assentam bem sobre bons corpos, começo a pensar que não se aguentarão assim por muito tempo, que vão adquirir vincos impossíveis de disfarçar, adquirir pó alojado de tal forma nos debruns que será impossível removê-lo, e que ninguém quererá passar pela tristeza e pelo ridículo de vestir todos os dias de manhã e despir todos os dias à noite o mesmo vestido precioso.

– Please. No more tears, no more tangles.

– Esquece. Não percebeste nada. Not now nor ever.

Mariana Sá Nogueira

© André Godinho



Cão Solteiro Teatro

Companhia formada em Lisboa em 1997, trabalha na Poço dos Negros 120 e é actualmente dirigida pela actriz Paula Sá Nogueira e a figurinista Mariana Sá Nogueira.

Criou e produziu os seguintes espectáculos:

1997 *Marie & Bruce*, de Wallace Shawn, encenação de Nuno Carinhas e Paula Sá Nogueira, CCB.

1999 *Aguantar*, a partir da vida e obra de Frida Kahlo, textos de Frida Kahlo, Carlos Fuentes, Octavio Paz, notícias de imprensa, receitas de culinária. Encenação de Nuno Carinhas, IFICT.

2000 *Furiosa Tempestade*, textos de

vários autores, entre os quais André Breton, Herberto Helder, Maria Velho da Costa, Rainer M. Rilke, Ruy Belo. Encenação de Nuno Carinhas, Antiga Cantina da Faculdade de Ciências.

2001 *Problemas*, textos de Harold Pinter, encenação de Nuno Carinhas, Armazém do Ferro.

Tás senti ton pensier avancer um pas dans le silence?, Festival de Teatro “Les Informelles”, Marselha.

O Alfinete do Anestesista, textos de Harold Pinter, encenação de Rogério de Carvalho, Armazém do Ferro.

2002 *Pano de Muro*, textos de vários autores abrangendo a história do teatro, de Ésquilo a Beckett. Encenação de Miguel Loureiro, Armazém do Ferro.

Histórias Misóginas, a partir de *Pequenos*

Contos da Misoginia de Patricia Highsmith, encenação de Nuno Carinhas, Armazém do Ferro.

2003 *I. Sobre a Luz*, textos de vários artistas plásticos, entre os quais Francesco Clemente, Gerhard Richter, Henri

Matisse, Joseph Beuys, Pablo Picasso, Paul Gauguin. Encenação de Rogério de Carvalho, Casa dos Dias da Água.

II. Obscuridade, textos de vários fotógrafos e poetas, entre os quais Mário de Cesariny e Sarah Moon. Encenação de Nuno Carinhas, Casa dos Dias da Água.

2004 *Nocturno Delirante*, a partir de textos da literatura fantástica, de autores como Guy de Maupassant e Villiers de L'Isle-Adam. Encenação de Nuno Carinhas, Jardim da Casa dos Dias da Água.

2005 *Sobre a Mesa a Faca*, a partir de textos de entrevistas a diversos artistas, co-criação com Teatro Praga, Armazém do Hospital Miguel Bombarda.

Vistas da Cidade, textos de diversos autores, entre os quais Italo Calvino, Le Corbusier, Ruy Belo. Encenação de Nuno Carinhas, Casa d'Os Dias da Água.

2006 *Casa Cena*, evento memória construído a partir de cenas de espectáculos anteriores. Construção de um jantar com o público, Casa na Rua do Crucifixo.

Drama, textos de vários autores, entre os quais Eugene O'Neill e Ödön von Horváth. Encenação de Miguel Loureiro, Casa d'Os Dias da Água.

Michaux, a partir de textos de Henri Michaux, encenação de Nuno Carinhas, Casa d'Os Dias da Água.

Cha Cha Cha, encontro com o público à volta de uma mesa, com chá, bolos requintados e materiais dos espectáculos criados até à data. Casa d'Os Dias da Água.

2007 *A Carta Roubada*, encenação de Miguel Loureiro, Casa na Rua do Crucifixo.

3, texto de Rui Nunes, criação de Cão Solteiro e André Godinho, Rua Poço dos Negros, 120.

— — —, a partir de finais de textos de vários autores, entre os quais Rui Nunes, Georges Pérec, Stig Dagerman, Tchekhov, Strindberg, Shakespeare, Lorca, Sam Shepard, Dostoievski, Joe Orton. Encenação de André e. Teodósio, Rua Poço dos Negros, 120.

2008 *Strange Fruit*, criação de Cão Solteiro e Miguel Loureiro a partir do conceito de árvore, Rua Poço dos Negros, 120.

Aqui Também Acabou, criação de Cão Solteiro e André Guedes a partir do contexto e singularidades da Loja, espaço de trabalho da companhia, Rua Poço dos Negros 120.

Man Power, co-produção com Cosmic Mega Brain, evento de um dia, apresentado a 19 de Dezembro de 2008 em Lisboa e a 24 de Janeiro de 2009 em Londres.

2009 *Tink*, a partir de *Bartleby* de H. Melville. Poço dos Negros 120.

A Portuguesa, criação de Cão Solteiro e Vasco Araújo a partir do Hino Nacional Português, Teatro Maria Matos em co-produção (depois também no Festival Materiais Diversos).

<http://caosolteiro.blogspot.com>

Ni vu ni connu Sem que ninguém dê por isso De Claudia Triozzi



Dança/Performance Qui 18, Sex 19 Março

Palco do Grande Auditório · 21h30

Duração aproximada: 1h00 · M12

Concepção e interpretação Claudia Triozzi
Criação musical Fernando Fiszbein, Claudia Triozzi **Figurinos** Jutta Klingel, Claudia Triozzi **Músico** Roberto Tiso **Técnico de som** Félix Perdro **Apoio à criação** DRAC Île-de-France, de L'ARCADI **Apoio** Conseil Général de Seine Saint Denis **Co-produção** Centre Pompidou, Paris; Culturgest, Lisboa; Le Phénix scène nationale, Valenciennes; Kunstenfestival des Arts, Bruxelas; Centre national de danse contemporaine, Angers; Objectif danse Marseille **Apoio à produção** Arcadi **Agradecimentos** Le Centre chorégraphique de Belfort; Danse à Lille **Produção** Association Dam Cespi **Produção delegada** Latitudes Prod. Lille.

“Nos meus trabalhos destes últimos anos tenho centrado a minha pesquisa na ideia de um corpo pensado e pensante e nos seus efeitos no palco face a um público. O palco tem-me permitido, frequentemente, pôr à prova e em prática uma “filosofia do corpo” e considero que

é a partir dessa reflexão que surgem a coreografia e o corpo dançante, com todos os seus movimentos internos e externos.”

Claudia Triozzi

Nesta nova criação que vem estreiar à Culturgest, Claudia Triozzi prossegue a pesquisa que tem desenvolvido, e através da qual tem “questionado o corpo, o rasto, o absurdo, o sofrimento, o horror, a pornografia e a depressão”.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Inês Loução estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Sofia Magalhães

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

António Rocha estagiário

Soraia da Silva estagiária

Susana Sá estagiária

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
